

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO E ENSINO REMOTO: A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

Milena Silveira Resende¹

Wesley Fernandes Vaz²

Resumo: A pandemia de COVID-19 trouxe consigo inúmeras consequências à vida e saúde das pessoas. Uma delas foi a adoção do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para que as atividades educacionais não ficassem paralisadas durante o período de isolamento social. Objetivando analisar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes e a razão deles não interagirem nas aulas mediadas por tecnologia, este trabalho evidencia as adversidades enfrentadas por eles no período em que o ERE ocorreu, bem como os motivos pelos quais eles preferem o ensino presencial ao remoto. Este estudo é qualitativo e descritivo, pois tem caráter essencialmente interpretativo e pretende analisar as relações entre as variáveis identificadas em uma roda de conversa com seis estudantes matriculados na disciplina de Sistemas de Informação, no segundo período do curso de Sistemas de Informação do Centro Universitário de Mineiros. Após a obtenção dos dados, organizou-se um *corpus* que foi analisado utilizando-se a análise temática de conteúdo propostas por Bardin (2016), em que as categorias foram identificadas *a posteriori*, de forma indutiva, a partir das falas dos estudantes. As categorias de análise nos permitiram entender que as dificuldades apresentadas têm relação entre si e foram determinantes para o fato de não interagirem nas aulas, e, estão diretamente relacionadas à preferência deles pelo ensino presencial. Desse modo, esperamos que os pontos levantados nesse estudo possam servir para reflexão e discussão para que, mesmo os estudantes preferindo o ensino presencial, os docentes não deixem de integrar em suas práticas pedagógicas as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial. Ensino Presencial. Dificuldades de Aprendizagem. COVID-19.

¹ Mestranda pela Universidade Federal de Jataí (UFJ) – milenaresende@discente.ufj.edu.br

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Jataí (UFJ)

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 trouxe consigo inúmeras consequências à vida e saúde das pessoas. Uma delas foi a adoção do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para que as atividades educacionais não ficassem paralisadas durante o período de isolamento social. Porém, apesar dos mais diversos entraves e desafios, o ERE foi crucial para minimizar os prejuízos causados pela ausência das aulas no formato presencial.

Nesse contexto, as adaptações das Instituições de Ensino Superior (IES) ao formato digital ocorreram de diversas maneiras: em ambientes mais sofisticados como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs); por ferramentas tecnológicas de reuniões em grupo como, por exemplo, *Google Meet e Zoom*; por plataformas para aplicação de atividades como *Google Classroom e Google Forms*; além é claro, dos aplicativos de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp e Telegram*, que para muitos foi a única opção, pois a IES não tinha nenhum AVA; e também as redes sociais, foram estratégias amplamente utilizadas pelas IES para condução do ERE. As plataformas descritas são de fácil acesso e permitiam que o estudante assistisse às aulas pelo celular ou computador, interagindo com os colegas e tirando dúvidas com os professores nas aulas ao vivo. Nesse processo de transição, do ensino presencial para o remoto, os docentes tiveram que reaprender a ensinar e os estudantes reaprender a aprender.

Foi necessário muito esforço por parte dos estudantes e professores para conduzir o ensino no formato remoto. No Centro Universitário de Mineiros, com o intuito de desenvolver o processo de ensino e aprendizagem na melhor qualidade possível, foi adotado o modelo com aulas síncronas (aulas ao vivo realizadas pelas plataformas digitais de videoconferência) e assíncronas (com a publicação de atividades e vídeos gravados nas plataformas digitais).

Frente ao exposto, o presente trabalho foi desenvolvido a partir do questionamento: *qual a percepção dos estudantes acerca do ensino remoto emergencial e por que não interagem nas aulas mediadas por tecnologia?*

A partir da descrição dos resultados obtidos na roda de conversa realizada com a turma, objetiva-se com esse trabalho, analisar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes e a razão deles não interagirem nas aulas mediadas por tecnologia.

METODOLOGIA

Este estudo pode ser classificado como descritivo, pois “têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno[...] e identificar possíveis relações entre variáveis” (GIL, 2022, p. 42). A natureza do trabalho é qualitativa, pois é uma modalidade de pesquisa de caráter essencialmente interpretativo, em que os pesquisadores estudam fenômenos dentro de contextos naturais, tentando entender, ou interpretar seus significados (GIL, 2021).

A coleta de dados foi realizada por meio de uma roda de conversa com seis estudantes matriculados na disciplina de Sistemas de Informação, no segundo período do curso de Sistemas de Informação do Centro Universitário de Mineiros. Ela foi realizada no dia 30 de agosto de 2021, data essa que marcou o retorno das aulas presenciais no curso. Para Moura & Lima (2015, p. 25) a roda de conversa é “uma forma de coleta de dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão”. As autoras ainda definem a roda de conversa como um mecanismo que possibilita a troca de experiências e o desenvolvimento de reflexões dos sujeitos, por meio de um processo mediado pela interação com os pares, diálogos internos, e, também no silêncio observador e reflexivo (MOURA & LIMA, 2015).

Para conduzir a roda de conversa, primeiro eles foram solicitados a se apresentarem, pois era o primeiro contato presencial entre eles e com a professora, e em seguida foram orientados a relatar as dificuldades encontradas para participação nas aulas no período em que elas foram mediadas por tecnologia e as razões para que não interagissem nas aulas.

A partir da obtenção dos dados, criou-se um *corpus* de análise. Esse *corpus* foi analisado utilizando-se a análise temática de conteúdo propostas por Bardin (2016), em que as categorias foram identificadas *a posteriori*, de forma indutiva, a partir das falas dos estudantes. Segundo Bardin (2016) para que a análise categorial possua relevância teórica, ela deve ser realizada em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

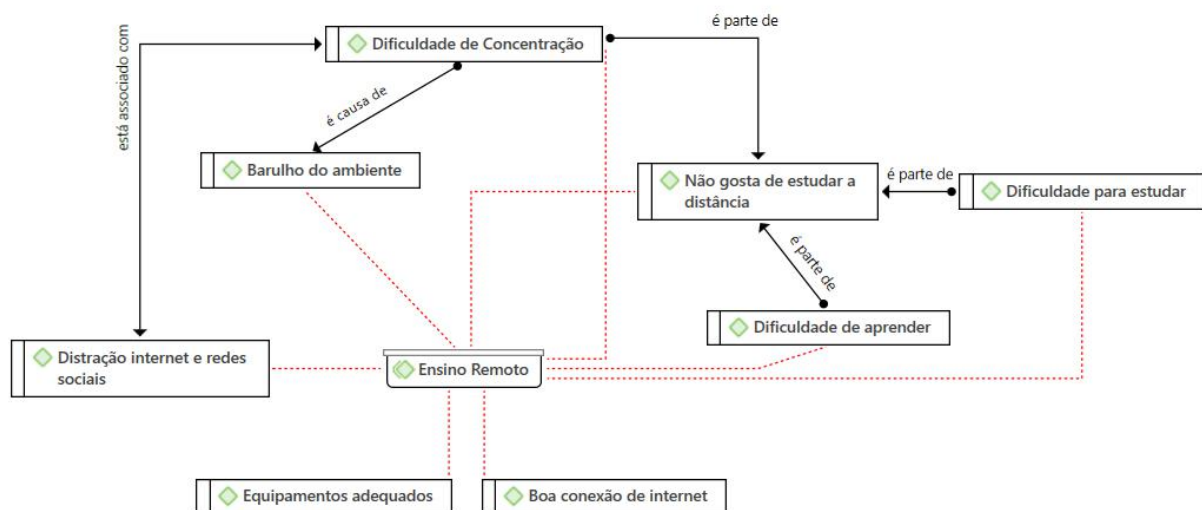
Para categorização dos dados, optamos por utilizar o *software* de análise de dados qualitativos, Atlas.ti. De acordo com Muhr (1991), este *software* é uma ferramenta de apoio ao pesquisador para facilitar a interpretação dos dados.

Primeiramente realizou-se a codificação, que visa identificar trechos no material analisado que condizem com o tema pesquisado. A partir disso, criou-se uma lista de códigos

descritivos que emergiram dos resultados e que estão relacionados de alguma forma. Essa identificação dos excertos nas falas dos estudantes foi essencial para a análise, pois, através dela relacionou-se essas informações ao que estava sendo investigado.

Posteriormente, com a lista de códigos definida, foi feita a categorização, cujo objetivo é transformar a lista de códigos em categorias abstratas que demonstram relações entre si. Nessa fase foi possível agrupar os códigos semelhantes mencionados pelos estudantes e visualizar que as dificuldades enfrentadas eram comuns a praticamente todos eles. Para entender melhor a relação entre os dados, foi feita uma *network*, utilizando o *software* Atlas.ti que permite visualizar a relação entre as falas dos participantes e chegar ao entendimento de que uma dificuldade apontada pode ser consequência de um ou mais fatores. Na figura 1, podemos observar um exemplo de *network* para entender as relações entre os códigos mencionados nos aspectos relacionados ao ensino remoto.

Figura 1: *Network* dos aspectos relacionados ao ensino remoto



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Tendo como base os procedimentos de análise de conteúdo de Bardin (2016), ao término desse ciclo de análise das respostas, consolidamos três categorias: 1) Dificuldades relacionadas ao ensino remoto; 2) Dificuldades relacionadas aos alunos; e 3) Ensino presencial.

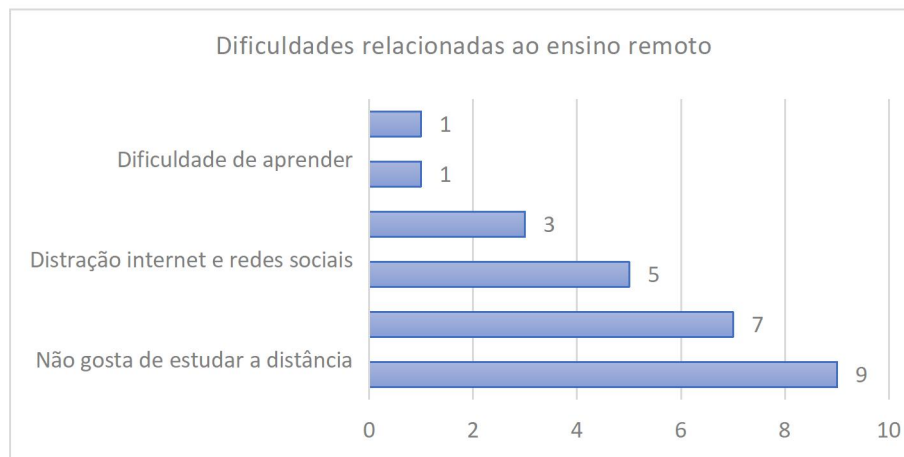
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de analisarmos cada categoria, é importante destacar que 100% dos estudantes participantes da roda de conversa relataram algum tipo de dificuldade com o ensino remoto. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC, 2019) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta 12,6 milhões de domicílios não tem acesso à internet, e um dos motivos para isso, é o valor do serviço. Porém, esse fator não se mostrou como obstáculo para essa turma, visto que todos eles relataram ter internet com conexão estável e computador para assistir às aulas. E mesmo não fazendo parte dessa estatística, todos eles demonstraram preferir o ensino presencial ao remoto.

Categoria 1: Dificuldades relacionadas ao ensino remoto

Nessa categoria, agrupamos todas as unidades de análise que remetem a aspectos relacionados ao ensino remoto. Na figura 2, demonstramos as principais dificuldades citadas pelos estudantes.

Figura 2: Dificuldades citadas pelos estudantes relacionadas ao ensino remoto



Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Percebe-se com essa figura que as dificuldades são variadas, sendo a principal a dificuldade de concentração. Ao analisar a fala dos estudantes, percebemos que essa dificuldade está relacionada principalmente ao fato de estarem sozinhos, ao barulho no ambiente doméstico, e ao fato de que, estando sozinho, é muito fácil se distrair com redes sociais, filmes, músicas etc., deixando a aula em segundo plano. Todos os estudantes

relataram que não gostam de estudar à distância, pois nesse formato, aprender e conduzir seus estudos seguindo uma rotina se mostrou complexo. Essa percepção pode ser entendida com o quadro 1, que demonstra excertos das falas dos estudantes com relação às dificuldades do ensino remoto.

Quadro 1: Dificuldades relacionadas ao ensino remoto

Excertos das falas dos alunos
E1: É muito ruim estudar a distância
E2:A gente não se concentra direito
E3: Começava assistir aula e ia mexer nas redes sociais, procurar filme pra assistir e Eu dormi muitas vezes.
E4: [...] o cachorro que late, a campainha que toca, muito barulho que desconcentra a gente
E5: E as aulas remotas era muito difícil aprender alguma coisa, principalmente programar

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Estudo realizado por Santos *et al*, (2021) em uma universidade brasileira, e pelo Conselho Nacional da Juventude do Brasil, (2021) apontam que a adaptação às aulas remotas e o ambiente domiciliar foram as maiores dificuldades encontradas pelos estudantes, o que condiz com os relatos apresentados pelos alunos do curso de Sistemas de Informação, demonstrando que esses desafios não foram exclusivos desses estudantes.

Categoria 2: Dificuldades relacionadas aos alunos

Na segunda categoria, agrupamos todas as unidades de análise que remetem as dificuldades relacionadas a aspectos pessoais e podem ser observadas na figura 3. Essa categoria foi a que apresentou um menor número de respostas, porém, vamos analisar com a mesma importância.

Figura 3: Dificuldades citadas pelos estudantes relacionadas a aspectos pessoais



Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Com base na imagem, a timidez é o fator pessoal mais recorrente nas respostas que os impedia de interagir com colegas e professores nas aulas. Não se sentiam à vontade para abrir as câmeras e os microfones. Embora não tenhamos nos aprofundado nos porquês dessa timidez, esse aspecto pode não ser um sinal de desinteresse nas aulas, mas sim, um incômodo de mostrarem o ambiente em que estão.

Dados divulgados na pesquisa do Instituto Península (2020), mostram que para 19% dos 7773 professores entrevistados, de todos os estados brasileiros, e todas as redes de ensino, declararam se sentir solitários, assim como relatam os estudantes. No quadro 2, apresentamos alguns excertos das falas dos estudantes referentes a essa categoria.

Quadro 2: Dificuldades relacionadas a aspectos pessoais

Excertos das falas dos alunos
E1: A gente fica muito sozinho, não conversa com ninguém, faz tudo sozinho
E2: A família também atrapalha muito com os barulhos
E3: Eu sou muito tímida.
E4: É meu jeito professora, sou muito calado
E5: é o irmão que grita, a mãe que chama

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Os excertos demonstram que a família, embora tenha sido categorizada como dificuldades relacionadas aos estudantes, tem uma correlação com a categoria anterior, pois, o barulho provocado por eles pode acarretar dificuldade de concentração e distração para acompanhar as aulas.

Desse modo, podemos inferir que os fatores apresentados até o momento fazem com que os estudantes prefiram o ensino presencial ao remoto, pois, a sala de aula física é um ambiente mais propício para estudo, reflexão, discussão, tornando-se um ambiente mais favorável para que mantenham o foco no ensino.

Categoria 3: Ensino presencial

Ao realizar a categorização dos dados, além das adversidades enfrentadas no ensino remoto, emergiu na fala dos estudantes, os motivos pelos quais eles preferem o ensino presencial. Desse modo, agrupamos nessa categoria todos os aspectos citados que remetem a preferência pelo ensino presencial, conforme demonstrado na figura 4.

Figura 4: Motivos de preferência pelo ensino presencial



Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Na roda de conversa, todos os estudantes manifestaram preferência pelo ensino presencial várias vezes. Os motivos apresentados pelos estudantes são variados. Em algumas ocasiões eles explicitaram melhor seus motivos por tal preferência. Nesse sentido, destacamos o fato deles considerarem que no ensino presencial há possibilidade de melhor aprendizado. Entendemos que essa visão se dá em razão de vários fatores já citados por eles que estão correlacionados: o ambiente doméstico não é ideal para os estudos pois há muito barulho e distração; o sentimento de que estão sozinhos e não podem ou não se sentem à vontade para pedir ajuda e tirar dúvidas; o fato de que no ensino remoto, as aulas práticas, como programação, ficam muito prejudicadas. No quadro 3, apresentamos alguns excertos das falas dos estudantes referentes a essa categoria.

Quadro 3: Motivos pela preferência ao ensino presencial

Excertos das falas dos alunos
E1: Acho que com as aulas presenciais é melhor porque podemos tirar dúvidas com os professores e colegas
E2: as aulas presenciais são melhores porque podemos praticar mais e com ajuda dos professores.
E3: Aprendemos mais quando a gente ta aqui com os colegas e professores.
E4: Aqui a gente se concentra melhor.
E5: É muito melhor ter contato com as pessoas

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Pesquisa realizada pelo Conjuve (2021) aponta que 54% dos 68.114 jovens entrevistados de todos os estados do país, preferiam retornar completamente ao ensino presencial após a pandemia, fato que corrobora com o desejo manifestado pelos estudantes da turma pesquisada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As incertezas provocadas pela pandemia àqueles que atuam na educação foram inúmeras, assim como, os desafios para estudantes e docentes no ensino remoto emergencial exigiu esforço, adequação, dedicação e superação de todos. A pandemia mostrou que, embora docentes e estudantes tenham enfrentado grandes adversidades, todos fizeram o melhor que estava ao alcance para superá-las.

Com o objetivo de analisar as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes do segundo período do curso de Sistemas de Informação e a razão deles não interagirem nas aulas mediadas por tecnologia, este trabalho evidencia as adversidades enfrentadas por eles no período em que o ERE ocorreu, e os motivos pelos quais eles preferem o ensino presencial ao remoto.

As categorias de análise nos permitiram entender que as dificuldades apresentadas têm relação entre si e foram determinantes para o fato de não interagirem nas aulas, e, estão diretamente relacionadas à preferência deles pelo ensino presencial.

Consideramos que o objetivo proposto foi alcançado, e esperamos que os pontos levantados nesse estudo possam servir para reflexão e discussão para que, mesmo os estudantes preferindo o ensino presencial, os docentes não deixem de integrar em suas práticas pedagógicas as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

Entendemos que, embora o retorno às aulas presenciais tenha ocorrido, estamos diante de uma realidade: o ensino híbrido, que provavelmente continuará se mostrando com alternativa viável e amplamente utilizada mesmo com o fim da pandemia. O ensino híbrido pode representar uma grande renovação no modo de ensinar e de aprender, pois alia as boas práticas do ensino presencial, ao uso das TDIC e as boas práticas da Educação à Distância.

REFERÊNCIAS

ATLAS.TI. Software. Disponível em: <www.atlasti.com>. Acesso em: 05/03/2022.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CONJUVE – CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE. **Relatório de Pesquisa. Juventudes e a pandemia do coronavírus**. 2021. Disponível em:

VI COLÓQUIO ESTADUAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR
IV CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR E
III FEIRA DE EMPREENDEDORISMO DA UNIFIMES



2022

16 A 18 DE MAIO

https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/08/JuventudesEPandemia2_Relatorio_Nacional_20210702.pdf. Acesso em: 13 de abr. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Barueri - SP: Atlas, 2022.

GIL, A. C. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Barueri - SP: Atlas, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**, 2019 – Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 11 de abr. 2022.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Relatório de Pesquisa. Sentimento e Percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Corona Vírus no Brasil**. Estágio Intermediário. Junho de 2020. Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/pesquisa-sentimento-e-percepcao-dos-professores-nos-diferentes-estagios-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 12 de abr. 2022.

MOURA, A. B. F.; LIMA, M. da G. S. B. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 5, n. 15, p. 24–35, 2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448>. Acesso em: 4 abr. 2022.

MUHR, T. ATLAS/ti: a prototype for the support of text interpretation. *Qualitative Sociology*, v.14, n.4, p. 349-371, 1991.

SANTOS, K. D.; CASTRO, S. de .; VALLE JUNIOR, S. R. do .; RODRIGUES, E. S. .; ALMEIDA, P. R. de . Online education in times of pandemic: the opinion of college students related to the challenges founds. **Research, Society and Development**, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i10.18746. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18746>. Acesso em: 11 abr. 2022.